

**O TEMPO LIVRE DOS VOLUNTÁRIOS DA PASTORAL DA CRIANÇA NO
BAIRRO HERMANS MORAES DE BARROS, EM MARINGÁ/PR: RELAÇÕES
ENTRE TRABALHO E LAZER**

Recebido em: 22/02/2012

Aceito em: 21/11/2012

*Jeferson Diogo de Andrade Garcia*¹

*Aline Fabiane Barbieri*²

*Anderson Gerim Rowiecki*³

*João Paulo Malagutti*⁴

*Rogerio Massarotto de Oliveira*⁵

Universidade Estadual de Maringá – UEM

Maringá – PR – Brasil

RESUMO: Nesse estudo buscamos analisar o tempo livre dos indivíduos que realizam trabalho voluntário na Pastoral da Criança em um bairro da cidade de Maringá-PR. Para a realização deste estudo, tivemos como pressuposto teórico-metodológico o materialismo histórico, fundamentado por Karl Marx e Friedrich Engels. O contato com os indivíduos foi realizado por meio de entrevista semiestruturada. Após as análises, concluímos que há um sentido de obrigação e responsabilidade para com as atividades da Pastoral da Criança, apesar de os indivíduos caracterizarem essa ocupação como uma atividade prazerosa. Também foi possível identificar nos sujeitos analisados a conformação social e falta de conhecimento sobre a organicidade do capital perante a situação que encontram no trabalho voluntário.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Trabalhadores Voluntários. Capitalismo.

¹ Participante do Grupo de Estudos em Educação Física, Educação e Marxismo vinculado ao Programa de Estudos do Trabalho e Educação da Universidade Estadual de Maringá (EDUFESC/ESTE/UEM). Bolsista do PET - Educação Física UEM (2011/2012).

² Participante do Grupo de Estudos em Educação Física, Educação e Marxismo vinculado ao Programa de Estudos do Trabalho e Educação da Universidade Estadual de Maringá (EDUFESC/ESTE/UEM). Bolsista do PET - Educação Física UEM (2009/2012).

³ Participante do Grupo de Estudos em Educação Física, Educação e Marxismo vinculado ao Programa de Estudos do Trabalho e Educação (EDUFESC/ESTE/UEM) da Universidade Estadual de Maringá e do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxistas sobre Lúdico, Trabalho, Tempo Livre e Educação (MARXLUTTE).

⁴ Graduado em Educação Física licenciatura pela UEM.

⁵ Docente do departamento de Educação Física da UEM. Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxistas sobre Lúdico, Trabalho, Tempo Livre e Educação (MARXLUTTE)

**FREE TIME VOLUNTEERS OF THE PASTORAL OF CHILD IN THE
NEIGHBORHOOD OF HERMANS MORAES DE BARROS, IN MARINGÁ /
PR: RELATIONSHIP BETWEEN WORK AND LEISURE**

ABSTRACT: In this study we analyze the free time of the individuals who perform volunteer work in the Pastoral in a neighborhood of the city of Maringá-PR. For this study, we assumed theoretical-methodological as historical materialism, founded by Karl Marx and Friedrich Engels. Contact with individuals was conducted through semi-structured interviews. After analysis, we conclude that there is a sense of obligation and responsibility to the activities of the Pastoral, although individuals characterize this occupation as a pleasurable activity. It was also possible to identify the subjects analyzed the social conformation and lack of knowledge about the organic capital before the situation they find in volunteer work.

KEYWORDS: Leisure Activities. Voluntary Workers. Capitalism.

INTRODUÇÃO

Nesse estudo⁶ nosso objetivo central foi analisar como se dá o tempo livre e o entendimento de trabalho e lazer/tempo livre para os indivíduos que atuam com trabalho voluntário na Pastoral da Criança, situada no Bairro Hermans Moraes de Barros, em Maringá/PR.

A Pastoral da Criança é um Organismo de Ação Social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). De acordo com informações presentes no *site* da Pastoral da Criança, os voluntários que desenvolvem atividades neste setor realizam ações direcionadas à saúde, nutrição, educação, cidadania e espiritualidade de forma ecumênica nas comunidades pobres. Cada líder voluntário dedica, em média, 24 horas por mês nesse trabalho, que ocorre por visitas mensais às famílias e em cujas visitas, o voluntário analisa o que pode ser melhorado no convívio familiar, mais especificamente, no que se refere aos cuidados com as crianças e com a gestação (PASTORAL DA CRIANÇA, 2011a).

⁶ Esta pesquisa foi desenvolvida durante a disciplina intitulada “Teorias do Lazer”, como parte da avaliação da mesma, que compõe a organização curricular do penúltimo ano do curso de graduação em Educação Física – Habilitação em Licenciatura, da Universidade Estadual de Maringá (UEM-PR).

O trabalho da Pastoral se fundamenta numa análise conjuntural da sociedade, que compreende o Brasil como um país marcado por acentuada desigualdade social, mesmo sendo possuidor um extenso território e de riquezas diversas (recursos naturais e humanos).

De fato, dados estatísticos apontam que a desigualdade econômica atinge, atualmente, um terço da população brasileira. Segundo dados publicados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2010), 10% da população mais rica do Brasil detêm 75,4% de todas as riquezas do país. Em contrapartida, conforme os dados de 2011, ainda, existem 18,7 milhões de pessoas vivendo com até um quarto de salário mínimo por mês e cerca de 9,5 milhões de brasileiros vivendo com renda igual ou inferior a R\$ 50,00 por mês (IPEA, 2011). Além disso, acentuando essa realidade, uma pesquisa realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE, 2011), que buscou identificar o Índice do Custo de Vida da população brasileira, apontou que houve significativa elevação deste índice, no final do ano de 2011, assinalando taxa de 0,65%. Vale destacar que, dentre os grupos analisados: alimentação, transporte, habitação (itens garantidos pela Constituição Federal), vestuário e equipamentos domésticos; o grupo da alimentação foi o que registrou maior aumento, com alta de 1,54%.

Os efeitos dessa realidade desigual, segundo a Pastoral da Criança (2011a), atingem, principalmente, mulheres e crianças visto que, quase metade das crianças brasileiras menores de seis anos (48,6%) são consideradas pobres. Do total de 19.767.600 crianças nessa faixa etária, 9.607.443 das crianças pertencem a famílias cuja renda é igual ou inferior a dois salários mínimos, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000).

Ainda de acordo com a Pastoral da Criança (2011a), a cada ano, 100 mil crianças menores de cinco anos morrem no Brasil, por razões que poderiam ser facilmente prevenidas se as famílias tivessem recebido orientações básicas de saúde, nutrição, educação e cidadania.

A partir deste panorama brasileiro, a Pastoral da Criança compreende como necessária a sua intervenção na comunidade, no sentido de amenizar os efeitos das desigualdades sociais provocadas pela sociedade atual, que produz, combinadamente, riqueza (pertencente à minoria da população) e miséria (que, pelo contrário, pertence à maioria). Desta forma, a Pastoral da Criança tem como principais bandeiras, as lutas pela redução da mortalidade e a desnutrição infantil:

Ações da Pastoral da Criança de promoção do desenvolvimento infantil e a melhoria da qualidade de vida são possíveis graças ao trabalho voluntário. As ações dessas pessoas ajudam a reduzir a desnutrição, a mortalidade infantil e ainda promovem a paz e a justiça social nos grandes bolsões de pobreza e miséria do país. Todo trabalho tem como base a solidariedade e a multiplicação do saber. O resultado é a promoção humana e o fortalecimento do tecido social das comunidades (PASTORAL DA CRIANÇA, 2011, p. 01).

A partir disso, nessa pesquisa, foram predefinidas algumas categorias a serem investigadas que, segundo Minayo (2003) referem-se a um conceito que abrange elementos ou aspectos comuns entre si. Essas categorias “[...] são empregadas para estabelecer classificações e, nesse sentido, possibilita agrupar elementos, ideias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso” (MINAYO, 2003, p. 70). Desse modo, as categorias estabelecidas para a realização desta pesquisa foram: trabalho, lazer, tempo livre e trabalho voluntário.

No avanço da investigação e baseando-se em Quivy e Campenhoudt (1998), entendemos que uma boa forma de começar uma investigação científica, consiste no

esforço para enunciar o estudo sob a forma de uma pergunta de partida, que servirá como fio condutor da pesquisa. Portanto, apresentamos a seguinte questão de partida: Como os trabalhadores atuantes junto à Pastoral da Criança, do Bairro Hermans Moraes de Barros, em Maringá/PR, entendem essa atividade voluntária?

Para dar movimento ao estudo, a partir dessa questão, torna-se imprescindível a escolha de um método de investigação científica que busque o desvelamento ideológico por meio das ações do ser humano, ou seja, do homem que constrói a história e é gerado por ela, cujas características estão incorporadas ao método marxista. Portanto, essa investigação se ampara no materialismo histórico e dialético, uma vez que exige a fuga ao pluralismo e ao eclecismo, buscando produzir conhecimento científico de forma coerente e consistente. Assim, a pesquisa terá como eixo teórico-metodológico o conhecimento produzido por Karl Marx e Friedrich Engels sob três pilares fundamentais, o método dialético, a perspectiva de revolução e o modo de produção. Contudo, a base teórica do pensamento marxista, se dá na categoria fundamental de análise social: o modo de produção, historicamente determinado, expressado pelo trabalho como categoria mediadora das relações sociais.

Buscando a coerência com este pressuposto e, após a aprovação deste projeto de pesquisa pelo Comitê Permanente de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá (COPEP/UEM, Parecer nº 652/2011) e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o contato com os indivíduos foi realizado por meio de entrevista semiestruturada que, de acordo com Minayo (2003), é aquela que parte de alguns questionamentos básicos por meio de perguntas abertas e/ou fechadas, oferecendo novos questionamentos que vão surgindo durante a entrevista.

Nesse sentido, a partir das categorias iniciais de estudo e mediante o avanço da pesquisa no campo investigativo, formularam-se novas categorias advindas do campo de pesquisa e que possibilitaram novas articulações teóricas, analisadas adiante.

1.1 TEMPO LIVRE E LAZER NA FORMA SOCIAL DO CAPITAL: RELAÇÕES COM O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Podemos considerar que a temática do lazer é fruto da sociedade contemporânea (urbano-industrial), visto que se originou a partir da Revolução Industrial (1740-1850), que deu início a uma nova configuração no modo de produção e reprodução do homem (VEGA, 1979; WERNECK, 2003).

Isto não significa que o lúdico e o prazer não tenham se manifestado em outros períodos da história. Pelo contrário, na antiguidade, segundo Vega (1979), o tempo livre dos nobres era dedicado ao exercício do ócio, sendo este um momento em que os nobres se voltavam às atividades de leitura, pintura, contemplação, descanso e desenvolvimento humano. Em contrapartida, o trabalho era tido como algo penoso e empobrecedor, sendo direcionado, assim, aos menos favorecidos socialmente, na época, direcionado aos escravos compreendidos como mentes inferiores.

Sob valores divergentes, na Idade Média, o ócio já é percebido como algo profundamente nocivo à moral, retidão e bons costumes, principalmente, dado à sua estreita ligação com o prazer, entendido como potencializador do desvio do caminho traçado pela Igreja Católica que, nesses meandros, já se mancomunava com a burguesia que se apresentava sob formas embrionárias (ANDERSON, 1989). Dessa forma, o ócio representava grande perigo a essa religião que tinha no aperfeiçoamento espiritual, um dos principais eixos norteadores de seu ideário.

No entanto, desde meados do século XIX, com o advento da burguesia no poder (revolução burguesa consolidada em 1848) e mudança nas relações de produção, a forma de entendimento do significado de lazer, tempo livre e trabalho, sofreram alterações (VEGA, 1979).

Com o surgimento da indústria, houve a submissão do trabalhador a intensas jornadas de trabalho, resultando na intensificação da exploração da força de trabalho. Com isso, segundo Cândido (2008), nesse momento histórico, ocorre a separação entre o tempo de trabalho e o tempo de descanso ou não trabalho, que mais adiante foi classificado de tempo livre.

Tendo em vista a crescente necessidade de se produzir mercadorias com vistas à valorização do capital (produção de mais-valia), a burguesia, por necessidades históricas, aprimorou sua ideologia, invertendo os significados de trabalho e tempo livre, de forma que, o trabalho passou a ter sentido enobrecedor e positivo (mesmo tendo se tornado uma atividade, sobretudo, empobrecedora e monótona), e as atividades de lazer e tempo livre passaram a ser vistas como negativas e atividades opostas ao trabalho⁷. Sobre essa questão fundamental, Paul Lafargue (1842-1911) fez a seguinte análise em sua obra “*O direito a preguiça*”:

Uma estranha loucura se apossou das classes operárias das nações onde reina a civilização capitalista. Esta loucura arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora. Em vez de reagir contra esta aberração mental, os padres, os economistas, os moralistas sacrossantificaram o trabalho. Homens cegos e limitados, quiseram ser mais sábios do que o seu Deus; homens fracos e desprezíveis, quiseram reabilitar aquilo que o seu Deus amaldiçoara. Eu, que não confesso ser cristão, economista e moralista, recuso admitir os seus juízos como os do seu Deus; recuso admitir os sermões da sua moral religiosa, econômica, livre-

⁷ Nessa época (1883), um dos maiores manifestos que defendiam o ócio e o lazer em detrimento ao fatigante trabalho, foi a publicação do “O direito a preguiça” na prisão de Saint Pélage, na França, por Paul Lafargue.

pensadora, face às terríveis consequências do trabalho na sociedade capitalista⁸ (LAFARGUE, 1883).

Portanto, no decorrer do desenvolvimento da forma societal capitalista, a produtividade passa ter papel destacado, impregnando todas as esferas sociais, ao ponto de, nos dias atuais, a classe trabalhadora aliar a sua vida à obrigação moral de ser útil (VEGA, 1979).

Ainda no que se refere à evolução histórica do trabalho e do tempo livre, podemos considerar que estas tornaram atividades, cada vez mais controladas. Tanto que, atualmente, de acordo com Antunes (2009), podemos afirmar a não existência de um tempo, verdadeiramente, livre. Isso porque, quando o trabalhador cumpre a sua jornada de trabalho diária, suas forças físicas estão exauridas e a única atividade que lhe resta é o descanso. Quando assim não faz, gasta este tempo “livre” com atividades como higiene pessoal, transporte, dentre outras atividades consideradas “utilitárias”. Nesse sentido, podemos considerar que, no capital, a classe trabalhadora não dispõe de um tempo livre, mas sim, de um tempo livre utilitário ou liberado do trabalho (CÂNDIDO, 2008).

Ao resgatarmos Karl Marx o mesmo entende que a mercadoria é a forma elementar da riqueza no capitalismo, tendo em vista que é por meio de sua produção que o capitalista obtém a mais-valia (MARX, 1988). Portanto, visto que o objetivo central da sociedade capitalista é, essencialmente, a produção de mais valor para o capital, fica claro que o interesse na promoção de lazer e tempo livre, nesta sociedade, não está, senão, voltado à manutenção da força de trabalho (quando isto corrobora no aumento da produtividade), e recuperação da força de trabalho lesada.

⁸ LAFARGUE, Paul. *O direito a preguiça*. Capítulo 1. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/cap01.htm#1> .

Contudo, mediante as formas de dominação e disseminação da ideologia burguesa, existem diversas formas de se entender o lazer, dentre elas, a visão funcionalista, apresentada por *Joffre Dumazedier* (1915-2002). Esta visão tem em si várias vertentes, como aponta Marcellino (1990): a) romântica, tendo sua ênfase nos valores das sociedades tradicionais ou quando se manifesta uma nostalgia em relação ao passado; b) moralista, que se dá pela visão do lazer enquanto possibilidade de realização de atividades relacionadas a ordem social; c) compensatória, entendendo o lazer como atividade compensatória frente a insatisfação provinda do trabalho; d) utilitarista, que é quando o lazer se resume a recuperação das capacidades físicas advindas do trabalho ou quando visa o desenvolvimento da força de trabalho.

Padilha (2003) ressalta as articulações entre as compreensões sobre lazer de forma que corroboram com a compreensão de trabalho, de forma que a primeira, aparece como oposta ao trabalho e que a busca da felicidade está contida no lazer haja vista que no trabalho, está a causa das mazelas do e no homem: enquanto o trabalho adocece, o lazer cura (PADILHA, 2003).

Permeado por essas relações e compreensões, nos deparamos com o trabalho produzido pelos sujeitos investigados na Pastoral da Criança da cidade de Maringá-PR, Paraná. Por conta das entrevistas realizadas no bairro, percebemos que o lazer dos voluntários está intimamente ligado à religião, logo, à compreensão de um lazer sob caráter moralista, conforme aponta alguns discursos desses trabalhadores voluntários:

Olha... pra mim em si, eu num digo que... que... num é um trabalho e lazer ao mesmo tempo. Porque se vai... é uma missão (Sujeito 01), [...] eu não posso dizer que é um trabalho... é um trabalho pastoral, mas é um trabalho voluntário... é diferente daquele trabalho que você tem a Obrigação de tá ali naquele dia, naquele horário... cumprindo carga horária (Sujeito 06).

Constatamos que o ambiente proporcionado pela Pastoral da Criança foi um dos fatores que estimulou os voluntários a realizarem este tipo de trabalho pois para os mesmos o trabalho na pastoral, por ser voluntário, se diferencia do trabalho assalariado e, concomitantemente, também não é um lazer, pois as ações, embora voluntárias, contém obrigações:

[...] É porque olha, pra mim não ficar em casa sozinha eu comecei a participar [...]É porque a gente não frequenta os lugares, bar, essas coisas a gente não frequenta. Então pra ocupar o tempo-livre a gente vai na igreja e vem nessas coisas que é mais de Deus. (Sujeito 3); [...] Único lugar que nós vai é na Pastoral e na igreja ... (risos)... eles cobram de mim: a mãe, as outra...outra criança vai no shopping, vai no assim..." mais ai num podemos, como que eu vô? O dinheiro...o beneficio é um salário, mais dinheiro da bolsa família, que que sobra pra mim? Única coisa é Pastoral e igreja. Eles cobra de mim, pensa que num cobra? Eu quero i na...chupa o sorvete....mais como que eu vo? (Sujeito 2).

Com isso, os voluntários dedicam grande parte do seu tempo, aquele restante dos afazerem domésticos, ao trabalho da Pastoral com o objetivo de contribuir e executar sua “missão”, baseada na religiosidade.

1.2 O TRABALHO NA FORMA SOCIAL DO CAPITAL E ALGUMAS RELAÇÕES COM O TRABALHO VOLUNTÁRIO

Na tentativa de contribuir para a discussão acerca do lazer e tempo livre, realizamos nossa análise articulada com a categoria trabalho, pois, como afirmam Marx e Engels (2007, p. 33) “[...] a primeira coisa a fazer em qualquer concepção histórica é, portanto, observar esse fato fundamental”.

Considerando que é por meio do trabalho que os homens satisfazem suas necessidades e mantém a sua existência, percebemos que, na base das relações humanas está o trabalho, que é a categoria fundante do mundo dos homens, pois, além de ser o

agir primeiro, atende à necessidade fundante de qualquer sociabilidade, que nada mais é que, a produção dos meios de subsistência para a sobrevivência humana.

O trabalho é o ponto de partida sobre o qual se organizam as demais formas de sociabilidade, uma vez que é a partir desta atividade que o homem estabelece o intercâmbio com a natureza e dela extrai os elementos necessários às suas sobrevivência e reprodução. A distinguir-se das atividades meramente instintivas dos animais, o trabalho caracteriza-se por sua condição de atividade previamente ideada, em que o objetivo a ser alcançado já se estabelece na consciência do autor antes mesmo de efetivá-lo.

Desta forma, pelo trabalho, realizam-se as mediações entre o homem e a natureza e dos homens entre si. Essa relação de prioridade ontológica do trabalho sobre os demais complexos sociais pode ser, de forma geral, analisado a partir da seguinte explicação de Marx e Engels (2007, p. 33):

Devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda a existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poder 'fazer história' [...] O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação das necessidades humanas, a produção da própria vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história [...] O segundo ponto é que a satisfação dessa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades – e essa produção de novas necessidades constitui o primeiro ato histórico.

Entretanto, na forma social do capital, é necessário nos indagar como é produzida a existência humana por intermédio do trabalho. Isto porque, de acordo com Marx (1988, p. 144), o entendimento de trabalho em sua forma geral é insuficiente, ou seja, “não basta, de modo algum, para o processo de produção capitalista”, pois, nesta forma social determinada, o trabalho apresenta-se como grande paradoxo, visto que é

tanto o fundamento ontológico⁹ da sociabilidade humana como, nestas condições determinadas, a origem da alienação humana.

Como parte desse processo de trabalho, produz-se o lazer na sociedade capitalista, que se desenvolve na articulação entre trabalho e tempo de não trabalho, pois, ao se estabelecer a forma como se desenvolve o trabalho na sociedade, é possível dizer como se situa o lazer (OLIVEIRA, 2005).

Dentre os indivíduos sociais que dispõem de maior tempo disponível para além do trabalho estão os aposentados e, também, aqueles que não conseguem se inserir formalmente no mercado de trabalho, tais como os jovens e crianças. E é nesses meandros, que os voluntários (sujeitos desta pesquisa) se encaixam, porém, não significa que estes desfrutem de um maior tempo destinado ao lazer devido às imposições da sociedade capitalista, pois, como constatamos, no caso dos voluntários, antes de terem seu tempo de lazer, realizam determinadas obrigações tais como os afazeres domésticos, além de crochês e bordados, para complementar a renda da família. Sobre essa questão, um dos voluntários faz a seguinte observação:

[...] é o meu marido que sustenta a casa. Ah, o seu marido... Isso, meu marido que sustenta a casa. Eu colaboro assim... Complementa...Artesanato. Eu faço artesanato, principalmente cordão de chinelo. Mas você faz outras coisas também? Faço também. Arquinho, bordo arquinho. Mais em questão de bordado (Sujeito 4).

Essa situação se dá, conforme Antunes (2009, p. 108), pelo fato de que “a mulher trabalhadora, em geral, realiza suas atividades de trabalho *duplamente*, dentro e

⁹[...] Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria em relação a outra, entendemos, simplesmente, o seguinte: **a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível.** É algo semelhante à tese central de todo o materialismo histórico e dialético, segundo a qual o ser tem prioridade ontológica em relação à consciência [...] (LUKÁCS, 1979, p.40 *apud* LAZARINI, 2010, p.283). É fundamental reiterar que qualquer que seja o complexo social (política, ciência, educação, arte, religião, filosofia, lazer, cultura, etc.) produzido pelos homens, possuirá, então, uma autonomia relativa para com o trabalho, mas uma dependência ontológica.

fora de casa [...]. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato do trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital [...]” e é acentuado, ainda mais, no caso das aposentadas que, facilmente, se posicionam junto aos excluídos socialmente, tal como compreende Forrester (1997).

Sendo assim, na perspectiva dos sujeitos entrevistados, que, no caso, eram donas de casa, o trabalho é uma atividade associada diretamente ao sustento da casa, sendo desenvolvida, principalmente, pela figura do marido e envolta pelos valores capitalistas. Um exemplo disso é no que diz respeito ao bordado que, mesmo sendo um trabalho informal, é compreendido pelas voluntárias como trabalho, pois gera uma renda para ajudar nas despesas da casa. Essa compreensão e fatos instauram contraditórias posições entre o lazer e trabalho, tanto no lazer como recuperação da degeneração orgânica como no trabalho como necessidade de se fazer vivo para, assim, conseguir atender outras necessidades desdobradas, tais como diversão, religião, cultura, educação, etc.

Uma questão fundamental que interfere tanto no trabalho como no lazer ocorre mediante uma das crises do capital¹⁰, ocorrida na década de 1970, que foi abordada pelos neoliberais como a expressão da incapacidade estrutural do Estado para administrar as políticas sociais, porque nelas não estavam institucionalizados os critérios competitivos que garantissem uma distribuição diferencial do serviço.

Neste contexto, em meio à crise do capitalismo, alguns setores do processo produtivo sofreram mudanças, especialmente com a formulação do sistema *toyotista*¹¹.

¹⁰ Para Marx (1983), as crises fazem parte da sociedade capitalista e podem ser entendidas como momentos em que se acentua a queda da taxa de lucratividade do capital. Tendo em vista a necessidade de recuperação dessa taxa e do ciclo de expansão e controle do capital, o modo de produção tende a sofrer significativas reestruturações nestes momentos.

¹¹ O sistema toyotista de produção surgiu no Japão, nos anos de 1950. Em síntese, podemos entender que este sistema resultou da articulação entre práticas de organização dos processos de trabalho fordista, toyotistas e outras que possibilitaram a flexibilização do fordismo. Por esse motivo, o toyotismo também é conhecido como modelo de acumulação flexível. Para maiores detalhes, consultar Gounet (1999).

Este, além de privilegiar a produtividade, reduziu o número de trabalhadores necessários na produção – que ocorre de acordo com a demanda, no qual a empresa só produz o que é vendido - ao mesmo tempo, com este sistema, houve aumento da jornada de trabalho (ANTUNES, 2009).

Simultaneamente, como estratégia para superar tal crise, houve o desenvolvimento da política econômica neoliberal que implicou na diminuição da atuação do Estado no que se refere ao provimento de serviços sociais. Logo, essas funções foram transferidas para a esfera do mercado e da organização civil.

A partir dessas lacunas deixadas pelo Estado, algumas organizações populares de trabalho voluntário, foram surgindo e ganharam espaço na sociedade civil, como a Pastoral da Criança. Mais recentemente, tem-se dado à denominação de Terceiro Setor às organizações populares de trabalho voluntário, termo que tem sido usado por considerar que o Estado é o primeiro setor e o mercado, o segundo setor (SILVA; AGUIAR, 2001).

Então, de acordo com Figueiredo (2005), o trabalho voluntário pode ser entendido como uma ação coletiva, caracterizada como uma relação voluntária de solidariedade que une os voluntários e beneficiários, sem obter nenhuma vantagem econômica direta. Atualmente, legislado pelo art. 1º da Lei Nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, o trabalho voluntário é afirmado como uma:

[...] atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade (BRASIL, 1998).

No Brasil, como destaca Pereira (2003), o trabalho voluntário surge baseado na assistência social e na religião e seu surgimento está atrelado à fundação da Santa Casa

de Misericórdia, no ano de 1543. A partir desse marco histórico, o trabalho voluntário foi firmado e difundido juntamente com as ideias de caridade, humanitarismo e preceitos religiosos, que afirmam a ideia de “salvação” pelas obras desenvolvidas durante a vida, justificando e explicando grande parte dos objetivos das ações voluntárias junto as Pastorais.

1.3.1 ALGUNS ASPECTOS RELIGIOSOS DA PASTORAL E POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA O LAZER

É importante salientarmos, inicialmente, que, apesar da grande relevância da análise da relação entre religião e lazer, tão complexa socialmente, não nos estenderemos sobre ela neste artigo uma vez que não foi o foco do estudo. Limitar-nos-emos, apenas, em assinalar, de forma introdutória, o papel da Igreja no discurso dos sujeitos pesquisados por entendermos que tais relações atravessaram o lazer e o trabalho dos mesmos.

A Pastoral da Criança é um organismo de ação social fundado pela Igreja Católica, no ano de 1983. Apesar de sua forte ligação com esta igreja, este organismo se apresenta como ecumênico, ou seja, aberta a todas as religiões (PASTORAL DA CRIANÇA, 2011a).

Essa vinculação da Pastoral da Criança com a Igreja Católica pode ser facilmente evidenciada com este trecho recortado do *Guia do Líder da Pastoral da Criança* (2007, p. 07), material que orienta os líderes comunitários:

A Pastoral da Criança, desde a sua fundação, em 1983, trabalha com a fé e com a vida, no contexto da família e da comunidade [...]. Por isso é tão importante cuidar do desenvolvimento integral da criança, isto é, em todas as fases da vida dar valor à sua saúde, boa nutrição, educação e ao seu desenvolvimento mental, social e espiritual - para que ela cresça em Sabedoria e Graça. A metodologia da Pastoral da Criança é inspirada nos Evangelhos que contam o milagre da multiplicação de cinco pães e dois

peixes, que saciaram da fome a cinco mil pessoas. Jesus primeiro mandou que as pessoas se organizassem em pequenos grupos.

Por meio da análise das falas dos indivíduos verificamos que as atividades relacionadas à religião apareceram como opções de atividades praticadas dentro do tempo livre destes, como disposto no trecho a seguir no sentido de explicitar o que realizam durante um possível tempo em que podem optar e decidir o que fazer, sem que haja obrigações heterodeterminadas:

[...] Ai... é ir na igreja e conversar com as crianças. [...] Único lugar que nós vai é na Pastoral e na igreja [...] (Sujeito 02). [...]É ir na igreja rezar. Eu frequento também a Pastoral da Acolhida. [...] A única coisa que assisto na televisão é o padre Robson. Então pra ocupar o tempo-livre a gente vai na igreja e vem nessas coisas que é mais de Deus. Eu frequento bastante minha pastoral e minha igreja, eu frequento bastante (Sujeito 03).

Constatamos que essas ações mencionadas, tem estreita relação tanto com a aproximação com a igreja, bem como, pelo baixo poder aquisitivo dos entrevistados. Por tal motivo, as opções de lazer na forma consumista e mercadorizada, como ir a *shopping centers*, clubes, churrascos, dentre outros, raramente foram citadas.

Desta forma, os sujeitos desenvolveram grande contato com a Igreja, realizando diversas atividades em seus tempos liberados das obrigações. Apoiados na fé católica observa-se que a comunidade se vê na obrigação de realizar alguma ação que, de certa forma, melhore a qualidade de vida das famílias mais carentes.

Assim, uma das formas das comunidades reagirem perante a condição material de pobreza, miséria, falta de atenção, invisibilidade social e outros aspectos, é a realização de ações voluntárias que, nesse caso, aparece nas atividades organizadas pela Pastoral da Criança, nas quais, os líderes:

Iluminados pela fé e movidos pelo amor de Deus, [...] contribuem ativamente para a História da Salvação a partir da realidade em que vivem. É Jesus, o enviado do Pai, que também os envia em missão e os conduz pelo Espírito Santo (GUIA DO LÍDER, 2007, p. 06).

Como fruto da ideologia religiosa, que insere nos sujeitos uma obrigação em amenizar as mazelas da sociedade, encontramos falas de voluntários que entendem esse trabalho voluntário, não com características de trabalho, mas, sim, como um chamado para uma missão:

O que me levou foiiii assim uma coisa tãooo... é como eu posso dizer? Éééé... eu ouvi um chamado, ouvi um convite né, houve um convite e eu fiquei assim: vô ou num vou? [...] Como uma missão! Uma missão... Amor a causa né...um amor a causa! [...] (Sujeito 05).

A compreensão segundo a qual, a atividade dentro da pastoral não é um trabalho, mas uma missão, pode ser compreendida pela fala do sujeito 06, que quando questionado se esse trabalho voluntário é trabalho ou lazer, afirmou:

[...] Ah... eu considero assim que é uma missão que agente recebeu, um chamado de Deus... né, porque tem que ter amor... pra você trabalhá com as criança, com as gestante, porque não é fácil andá de sol a sol... né... indo de casa em casa levando as palavra de Deus e o conhecimento que a gente tem e... como eu tenho problema nas perna, são assim, varizes, esporão, então, é muito difícil pra mim caminhar...mais....esqueci até a tua pergunta... Se é trabalho ou se é lazer... É mais uma missão né, é amor pela Pastoral mesmo... É isso que motiva né [...] (Sujeito 06).

Novamente, a partir da afirmação do sujeito 06, identificamos que a compreensão dos voluntários é de que há um “chamado de Deus”, onde se utiliza da religião para a realização de trabalhos que seriam de obrigação e dever do Estado, mas que surgem como algo tão prazeroso que o sujeito se dedica tanto quanto um jovem consumista para frequentar um *shopping center*.

Analisando um pouco mais, as falas evidenciaram, também, que, até o cansaço e o desgaste ocasionado por este trabalho, não são vistos como ruins ou penosos:

[...] quando você gosta do que você faz não existe cansera né, então, a gente cansa sim, num vô dizê que num cansa não, mais é um cansaço gostoso de vê né... de vê que deu... deu certo né, que vai colher os fruto mais tarde [...] (Sujeito 05).

Assim, as más condições deste trabalho voluntário são aceitas e pouco contestadas, uma vez que existe a esperança pela ‘recompensa divina’, “[...] porque você sabe que o que agente dá de graça agente recebe em dobro” (Sujeito 06).

Portanto, por meio das falas dos voluntários da Pastoral da Criança, observamos que, por conta da fé das voluntárias e ideia de “recompensa divina”, estas se sentem incumbidas a desenvolverem este tipo de atividade, sendo a obrigação uma característica do trabalho e, não, de tempo livre, embora haja uma linha tênue que separe (ou que não chega a separar) o lazer do trabalho, nessas compreensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as falas dos sujeitos investigados e apesar de serem expressas algumas opiniões e observadas condições concretas diferentes no sentido de apontar se o trabalho na Pastoral é trabalho ou lazer, ficou bastante claro o sentido de “obrigação” permeando as atividades desenvolvidas pela Pastoral. Obviamente, não existe um padrão pressionando a produção de mercadorias (nesse caso, serviço social voluntário), mas existe um Deus onipotente e onipresente ‘protegendo’ a vida dos sujeitos conforme os mesmos afirmaram.

O sentido de “obrigação” e “responsabilidade” caracterizados no trabalho da forma social capitalista (e não no lazer) foi expressa nas falas da maioria dos sujeitos e

que podem ser consideradas contraditórias, pois, apesar, da maioria dos sujeitos falarem que entendem suas atividades como lazer ou missão, concluímos que essencialmente eles entendem as suas atividades como um tipo de trabalho, mediante o fato de absterem-se de vontades próprias, autodeterminadas para estarem a serviço da Pastoral e, conseqüentemente, da comunidade.

Além disso, verificamos que o trabalho da Pastoral da Criança possui um aspecto humanizador baseado nos pressupostos religiosos, mas que, também, tem em si, limitações ontológicas, dadas pela própria essência do capital, pois, é impossível humanizar o capital e, por isto, nessa forma social, não é possível produzirmos uma real humanização, mas, sim, uma desumanização baseada pelos pilares da própria sociedade: a propriedade privada e a divisão social do trabalho.

Com essas falas e ações desenvolvidas pelos indivíduos pesquisados, pudemos constatar algum grau de conformismo social, pois apresentaram poucos conhecimentos sobre o funcionamento do capitalismo e dos seus desdobramentos na vida social dos seres humanos. Tais compreensões reforçam a necessidade imediata de desvelar as condições impostas pela ideologia dominante, nos diversos campos da vida social, tais como a escola, a cultura, a família, a política, a religião, o lazer, dentre outros que, necessariamente, convergem para uma possível manutenção da lógica dominante. Porém, o desvelamento servirá para preparar a classe trabalhadora para que produza a transformação social para além do capital e, então, possamos nos deparar com um tempo real voltado para o desenvolvimento pleno do ser humano.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Passagens da antiguidade ao feudalismo**. 3. ed. Porto: Afrontamento, 1989.

Jéferson Diogo de A. Garcia, Aline F. Barbieri, O Tempo Livre dos Voluntários da Pastoral da Criança...
Anderson G. Rowiecki, João Paulo Malagutti e
Rogerio M. de Oliveira

ANTUNES, R. **Os Sentidos do Trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BRASIL. **Lei n. 9.608**, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. São Paulo: TRT/SP; 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9608.htm. Acesso em: 29 jun. 2011.

CÂNDIDO, F. P. **Lazer e educação no capitalismo brasileiro**: concretude histórica e projeto revolucionário. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Custo de vida sobe 0,65%, em dezembro. 2010**. Disponível em: <http://www.dieese.org.br/rel/icv/icvjan11.pdf> . Acesso em: 05 fev. 2011.

FIGUEIREDO, N. C. M. **Interfaces do trabalho voluntário na aposentadoria**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

FORRESTER, V. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

GOUNET, T. **Fordismo e toyotismo**: na civilização do automóvel. São Paulo: Boitempo editorial, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Censo 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/>>> Acesso em: 15 out. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **A pobreza extrema no quintal da presidente Dilma Rousseff. 2011**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=6741:correio-braziliense-df-a-pobreza-extrema-no-quintal-da-presidente-dilma-rousseff&catid=159:clipping&Itemid=75 >> Acesso em: 05 fev. 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Crise reduziu ritmo de queda da desigualdade, mostra Ipea. 2010**. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5250:dc-diario-do-comercio-e-da-industria-online-sp-crise-reduziu-ritmo-de-queda-da-desigualdade-mostra-ipea&catid=159:clipping&Itemid=75>>. Acesso em: 08 fev. 2011.

LAFARGUE, Paul. **O direito a preguiça**. Capítulo 1. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/lafargue/1883/preg/cap01.htm#i1>.

LAZARINI, Ademir Quintilío. **A relação entre capital e educação escolar na obra de Dermeval Saviani**: apontamentos críticos. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e Educação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

Jéferson Diogo de A. Garcia, Aline F. Barbieri, O Tempo Livre dos Voluntários da Pastoral da Criança...
Anderson G. Rowiecki, João Paulo Malagutti e
Rogerio M. de Oliveira

MARX, K. **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Abril cultural, 1988. v.1, t.1

MINAYO, M. C. S (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, R. M. de. **A cultura do fandango no litoral do Paraná e suas relações entre trabalho, cultura popular e lazer na sociedade capitalista**. 189f. Dissertação (Mestrado). Florianópolis: UFSC, 2005.

PADILHA, V. Se o trabalho é doença, o lazer é remédio? In: MÜLLER, A. e DACOSTA, L. P. (Org). **Lazer e trabalho**: Um único ou múltiplos olhares. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 243-266.

PASTORAL DA CRIANÇA. 2011a. Disponível em: http://www.psjo.com.br/sistema_documentos/pascri.pdf . Acesso em: 27 set. 2011.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Guia do líder da pastoral da criança**. 10. ed. Curitiba, 2007.

PEREIRA, P. A. P. **Serviço Social e Sociedade**: políticas públicas e sociedade civil. São Paulo: Cortez, 2003.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gravia, 1998.

SILVA, E. M. F.; AGUIAR, M. T. A. **Terceiro Setor**: Buscando uma Conceituação. Cadernos Fundata. 2001.

VEGA, J. L. G. **Ócio e turismo**. Rio de Janeiro: Salvat Brasil, 1979.

WERNECK, C. L. G. **Trabalho, lazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

Endereço dos Autores:

Jeferson Diogo de Andrade Garcia
Rua Manaus, nº559. Parque das grevíleas II
Maringá – PR – 87047-020
Endereço Eletrônico: jefersondiogogarcia@gmail.com

Aline Fabiane Barbieri
Rua Rio Andaraí, nº 321. Jardim Oásis.
Maringá – PR – 87047-020
Endereço Eletrônico: alinefb_90@yahoo.com.br